

A LIBERDADE EXISTENCIAL DE CHARLIE EM “AS VANTAGENS DE SER INVISÍVEL”

Mariana dos Santos Formigoni¹
Rafaela de Mari Felizardo²
Rosângela de Paula Ferreira³
Daiany Lara Massias Lopes Sgrinholi⁴

RESUMO: Este artigo tem o objetivo de apresentar os desafios enfrentados por Charlie, protagonista do livro “As vantagens de ser invisível”, um adolescente que escreve cartas para manejar sua subjetividade. Entrelaçado a isso, a filosofia existencial foi o caminho escolhido para fundamentar teoricamente e bibliograficamente o percurso do adolescente. Angústia, autenticidade e ser-em-situação são conceitos indispensáveis para externar o vivido e a realidade existencial de todo o enredo do personagem. Por fim, concentramos a discussão em algumas cartas que norteiam as relações e processos da trajetória e construção de vida de Charlie.

Palavras-chave: Liberdade; Existência; Presença; Angústia.

CHARLIE’S EXISTENTIAL FREEDOM IN “THE PERKS OF BEING WALLFLOWER”

ABSTRACT: This article aims to present the challenges faced by Charlie, protagonist of the movie “The perks of being Wallflower”, a teenager who writes letters to manage his subjectivity. Intertwined with this, the existential philosophy was the path chosen to theoretically and bibliographically support the teenager’s journey. Anguish, authenticity and being-in-situation are essential concepts to express the lived experience and existential reality of the character's entire plot. Finally, the focus of the discussion were some letters that guide the relationships and the processes of Charlie’s trajectory and construction of life.

Keywords: Freedom; Existence; Presence; Anguish.

LA LIBERTAD EXISTENCIAL DE CHARLIE EN “LAS VENTAJAS DE SER INVISIBLE”

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo presentar los desafíos que enfrenta Charlie, protagonista de la obra “Las ventajas de ser invisible”, un adolescente que escribe cartas para gestionar su subjetividad. Entrelazada con esto, la filosofía existencial fue el camino elegido para sustentar teórica y bibliográficamente el recorrido del adolescente. Angustia, autenticidad y estar-en-situación son conceptos esenciales para expresar la experiencia vivida y la realidad existencial de toda la trama del personaje. Finalmente, concentramos la discusión en algunas cartas que guían las relaciones y procesos de la trayectoria y construcción de vida de Charlie.

Palabras-clave: Libertad; Existencia; Presencia; Angustia.

¹ Acadêmica do 4º ano do curso de Psicologia da Universidade Paranaense – UNIPAR – sede.

² Acadêmica do 4º ano do curso de Psicologia da Universidade Paranaense – UNIPAR – sede.

³ Acadêmica do 4º ano do curso de Psicologia da Universidade Paranaense – UNIPAR – sede.

⁴ Professora orientadora do curso de Psicologia da Universidade Paranaense – UNIPAR – sede.

INTRODUÇÃO

A obra literária “As Vantagens de Ser Invisível”, escrita por Stephen Chbosky, oferece um mergulho profundo na mente de seu protagonista, Charlie, um jovem introvertido que enfrenta as complexidades da adolescência. Neste trabalho, exploraremos a vertente existencial vivida por Charlie através de suas cartas direcionadas ao leitor, nas quais o protagonista compartilha de suas vivências emocionais e os relacionamentos que desenvolve ao longo do enredo, incluindo suas experiências de perda.

Em consonância com a filosofia existencial de Jean-Paul Sartre, analisaremos como a fase da adolescência de Charlie se relaciona com os conceitos de liberdade, emoção e angústia, explorando a profundidade e a relevância dessa obra literária dentro do contexto da filosofia existencial. O filósofo Jean-Paul Sartre, conhecido por sua contribuição à fenomenologia-existencial, destacou temas cruciais como liberdade e responsabilidade em suas obras. Antes de nos aprofundarmos na análise de Charlie, é pertinente fornecer uma breve introdução à biografia de Sartre e alguns de seus conceitos filosóficos. Nesse sentido, conforme mencionado por Freitas (2018, p. 4), diz:

“O existencialismo sartriano revela-se como uma pesquisa ontológica (em que está em jogo a relação entre o ser e o nada, ou seja, entre o ser humano e as suas possibilidades). O pensamento de Sartre mostra-se, igualmente, como uma ética, no sentido de que a ética estuda e concerne à práxis. Parece-nos que o foco principal de Sartre não se situa, exatamente, em trabalhar exclusivamente o campo da ética, no entanto, ela inunda a sua produção, pela problematização da existência, leia-se, das relações humanas, presente todo o tempo na sua obra”.

Dessa forma, Sartre (2015) aponta que, agir como um exercício de liberdade é mudar o aspecto do mundo, é utilizar de meios visando um desfecho de inúmeras possibilidades. É

fundamental salientar que, para Sartre, a liberdade de escolha constitui a angústia inerente à existência como um contínuo projeto em direção às próprias potencialidades, contribuindo para a constituição do ser no mundo. Assim, a cada momento em que o ser humano pratica uma ação ou opta por não agir, ele está exercendo sua própria liberdade na condição de ser livre. Agora, ao considerarmos como Sartre abordou esses temas em sua filosofia e como eles se relacionam com a jornada de Charlie, podemos começar a analisar as complexidades da obra.

Diante do exposto, mostra-se relevante observar que o protagonista, Charlie, escreve cartas quando sente o desejo de expressar anonimamente alguns fatos de sua vida e os sentimentos decorrentes de suas experiências relatadas no livro. Dessa forma, podemos inferir que os caminhos percorridos pelos adolescentes podem ter vias impossibilitadas pelo medo das dificuldades ainda não superadas em suas vidas cotidianas. Logo, as escolhas feitas pelo adolescente Charlie podem possibilitar um sentimento de angústia à medida que ele percebe sua responsabilidade, não apenas por si, mas também com relação a todas as pessoas de sua convivência familiar e social.

SARTRE E A FILOSOFIA DA EXISTÊNCIA

Jean Paul-Sartre (1905-1980) foi um filósofo francês bastante conhecido, no século XX, por suas renomadas obras, como *O Ser e o Nada* (1943), *O Existencialismo é um Humanismo* (1946), *A Transcendência do Ego* (1936), entre outras. Enquanto criança, apresentava uma compreensão sobre as contradições do ser, no que se refere à família, à sociedade e à colegas da escola. Desde muito cedo, ele se preocupava em “denunciar, através da literatura - seus romances e suas peças de teatro - que não há padrão definidor da conduta das pessoas para lidarem com as encruzilhadas da vida que não seja ela própria” (FREITAS, 2018, p. 30).

Ler e escrever, para Sartre, era apreender o mundo em que estava inserido, considerando a infância e a família como mediadores do projeto de ser. Assim, ao acessar os livros, abstraía das figuras e imagens as diferentes histórias possíveis, além das que eram apresentadas, sendo esses, seus melhores amigos. Ao realizar o imaginário na escrita, trocava cartas com seu avô, enquanto estava de férias com a mãe, dizendo que escrevia por ‘brincadeira’ (FREITAS, 2018).

O que Sartre quis dizer é que em seus escritos infantis, projetava nos personagens o ideal que fazia para si a partir do outro; mas assustou-se ao ver-se de fora como um Criador, que poderia escrever qualquer destino de suas criaturas. Mesmo escolhendo-se herói e impondo suas regras contra as

tirantias, sentiu o pânico do poder da escrita, de suas possibilidades, pois nada lhe impedia também de ser tirano. Angustiava-se diante da possibilidade de concretizar seus caprichos. Percebeu a dimensão de sua imaginação (FREITAS, 2018, p. 37).

De acordo com Schneider (2011), Sartre viveu sua vida num contexto antropológico marcado de sabedorias e argumentações, estando cercado de amigos que partilhavam dessa mesma atmosfera. Estudou filosofia na École Normale Supérieure, na França, onde conheceu muitas pessoas como: Pouillon, Paul Nizan, Merleau-Ponty, Lagache, Simone de Beauvoir, entre outros, que futuramente viraram seus companheiros intelectuais. Sendo assim, por compreender o papel fundamental do intelectual, em seu tempo, junto à sua cultura, tornou-se o edificador de um corpo de novas proposições filosóficas e psicológicas, cuja finalidade seria possibilitar mudanças imprescindíveis para uma sociedade diferente, mais humana.

Os primeiros contatos de Sartre com a psicologia existencial foram fundamentais em seu desenvolvimento intelectual. A influência de Edmund Husserl e Martin Heidegger, dois dos principais pensadores da filosofia fenomenológica, exerceram uma influência significativa em sua compreensão do ser humano e do mundo circundante. Ao adentrar o campo da fenomenologia de forma bastante crítica e concreta, Sartre vai incorporando, um após outro, conceitos como ser-no-mundo, temporalidade, liberdade, entre outros (SCHNEIDER, 2011).

Diante disso, a filosofia de Sartre apresenta a definição de liberdade fundamentada a partir da compreensão de uma consciência intencional, ou seja, em toda ação há uma escolha, projetando consequências ao coletivo e à sociedade. Então, o conceito de responsabilidade é apresentado pelo filósofo como compromisso, que tem por base um conjunto de realidades, tampouco sobre si mesma, uma vez que o homem está cotidianamente condenado à responsabilidade e à liberdade (SILVA, 2013). Cabe salientar o que:

“Todavia, esta responsabilidade é de um tipo muito particular. Pode-se me retorquir, com efeito que “não pedi para nascer”, o que é uma maneira ingênua de enfatizar nossa facticidade. Sou responsável por tudo, de fato, exceto por minha responsabilidade mesmo, pois não sou o fundamento do meu ser (SARTRE, 2015, p. 723).

Segundo Sartre, é impossível negar a escolha, pois fugir dessa alternativa já configura uma escolha, é nessa interpretação que todos são condenados a ser livres. Contudo, Sartre (2015, p. 575) diz que: “Todavia, não podemos nos deter nessas considerações superficiais se

a condição fundamental do ato é a liberdade, precisamos tentar descrever a liberdade com maior precisão”.

A posição de Sartre (2015), no que se refere a ação ser intencional, é que o ato humano muitas vezes tem por base um planejamento. À vista disso, a característica imprescindível da consciência é a intencionalidade, o “para-si”, sendo uma disposição voltada aos acontecimentos exteriores ao corpo humano. A consciência é o nada, entretanto, existe uma infinita possibilidade de imaginar, de exceder, de transpor uma situação cotidiana, indo além dos fatos ocorridos no dia a dia. O homem comporta-se intencionalmente, programando o ato porque é livre, sendo diferente dos outros animais, pois é o único que faz o uso da razão. Diante disso, é liberdade em seu específico existir no mundo:

O conceito de ato, com efeito, contém numerosas noções subordinadas que devemos organizar e hierarquizar: agir é modificar a figura do mundo, é dispor de meios com vistas a um fim, é produzir um complexo instrumental e organizado de tal ordem que, por uma série de encadeamentos e conexões, a modificação efetuada em um dos elos acarrete modificações em toda série e, para finalizar, produza um resultado previsto. Mas ainda não é isso que nos importa. Com efeito, convém observar, antes de tudo, que uma ação é por princípio *intencional* (SARTRE, 2015, p. 569).

Assim, ao se pensar sobre liberdade e emoção, Sartre (1994) aponta que a emoção é uma transformação do mundo. Todavia, destaca que os caminhos traçados às vezes se tornam muito difíceis ou, mesmo quando não vemos caminho algum, examina que não podemos continuar num mundo tão urgente e tão difícil. Já que a emoção se dá como uma ação, e também é uma reação às coisas e ao mundo.

Logo, ao entrar em contato com a consciência de liberdade, em se fazer e ser, as ações do ser humano não refletem apenas a si, mas também a história, ou seja, o homem faz a história pela ação. Com isso, a angústia é desvelada na ocasião em que o existente se dá conta de que não pode deixar de ser livre, nem se esquivar, numa constante relação com a má-fé (SARTRE, 2015). Resumidamente, “todo homem que se refugia por trás da desculpa de suas paixões, todo homem que inventa um determinismo, perpetra um ato de má fé” (SARTRE, 1970, p. 16).

Assim, retomando o conceito de angústia, Sartre o elabora com inspiração em Kierkegaard. Na obra, *O Ser e o Nada*, Sartre descreve que:

É na angústia que o homem toma consciência de sua liberdade, ou se prefere, a angústia é o modo de ser da liberdade como consciência de ser, é na angústia que a liberdade está em seu ser colocando-se a si mesmo em questão (SARTRE, 2015, p. 74).

O que significa que o indivíduo é delineado pela própria angústia, uma característica da sua própria existência.

A angústia exerce um papel significativo em seu entendimento sobre a existência humana, sendo uma experiência essencial e pertencente à própria condição humana, resultante da consciência de liberdade. O ser humano está condenado a ser livre, o que significa que cada um é responsável por suas escolhas e ações, e a angústia aparece através da consciência de liberdade e da percepção de que, ao mesmo tempo que o ser humano é livre, ele também precisa enfrentar as consequências advindas dessas escolhas (SARTRE, 2015).

Ademais, a angústia está familiarmente ligada à consciência da finitude e da morte. Sartre (2015) afirma que, ao encontrar-se com a própria mortalidade e a inevitabilidade do fim, surge o confronto da angústia existencial de que a vida é limitada e efêmera. Sendo assim, a angústia não é um estado emocional breve, mas sim uma característica essencial da existência humana. Ela, propriamente dita, desponta da consciência de liberdade, da responsabilidade e da finitude, e acompanha o indivíduo continuamente nas escolhas da vida.

Sartre mostra que sua filosofia se concentrou essencialmente na análise da condição humana, da liberdade, da consciência e da subjetividade. O filósofo alega que a existência humana é fundamentalmente intersubjetiva, o que significa que a identidade e a compreensão de cada um são moldadas não só pela relação com os outros, devendo ser capaz de compreender o problema do outro, mas também ser capaz de afirmar a sua existência (SANTOS, 2010).

Sartre também destacou a importância da autenticidade no projeto ser. Deste modo, a invisibilidade pode ser vista como uma negação da liberdade e da capacidade de ser valorizado e reconhecido em sua singularidade. A autenticidade evidencia uma existência realizada e plena. Sendo assim, o existir de forma autêntica é a realização de si próprio e envolve um comprometimento perante a existência. Agir de maneira própria ou ser verdadeiro em relação a si mesmo demonstra que o indivíduo é criador do seu projeto de ser (BARROS, 2009).

A autenticidade, evidente por si, consiste em tomar uma consciência lúcida e verídica da situação, em assumir as responsabilidades e os riscos que tal situação comporta, em reivindicá-la no orgulho ou na humilhação, às vezes no horror e no ódio (SARTRE, 1963, p. 52).

A seguir, vamos contextualizar a vida de Charlie para compreendermos o seu ambiente familiar, social e escolar, sendo fundamental para analisarmos como ele lida com os conceitos de liberdade, emoção e angústia. Tendo em vista que esse contexto nos ajudará a explorar as complexidades de sua jornada à luz da filosofia existencial de Jean-Paul Sartre.

EXISTÊNCIA E LIBERDADE DE CHARLIE

A obra “As vantagens de ser invisível” apresenta Charlie, um adolescente de 15 anos, iniciante do ensino médio, introvertido, retraído e que em muitos momentos apresenta choro e angústia, mas também alegria e diversão, no decorrer da história. Após a morte de seu melhor amigo, contada no início, ele aparenta ter dificuldade em se relacionar com novas pessoas, assim como em fazer novas amizades.

A ideia de escrever cartas para alguém surge por recomendação de uma pessoa, a qual Charlie não revelou, já que seu intuito era que o leitor pudesse ouvir e entender de forma anônima sobre a sua vida, como diz na primeira carta: “Estou escrevendo porque ela disse que você me ouviria e entenderia”, e complementa dizendo: “Acho que, de todas as pessoas, você entenderá, porque acho que você, entre todos os outros, está vivo e aprecia o que isso significa” (CHBOSKY, 2020, p. 13). Como aponta Paro (2021), nessa passagem, Charlie está sugerindo que o leitor tem a capacidade de entender seus pensamentos e sentimentos de uma maneira que outros podem não compreender. O personagem ainda opta por esconder a identidade real de todas as pessoas envolvidas nas histórias em que conta: “Chamarei as pessoas por nomes diferentes ou darei um nome qualquer porque não quero que descubram quem sou eu” (CHBOSKY, 2020, p. 13).

Nas primeiras cartas, Charlie descreve comportamentos de desânimo em relação à realização de algumas atividades, demonstrando aversão a ir para o colégio e também às pessoas que frequentam o ambiente, entre outras situações. Com o passar do tempo, consegue estabelecer um vínculo de amizade intenso com dois meios-irmãos, os quais o apresentam a outras pessoas. Outra amizade alcançada foi com seu professor, que acredita em sua capacidade de escrever e aprender, o incentivando a ler muitos livros. A partir disso, a vida de Charlie relativamente melhora, isso é mostrado em algumas de suas cartas. Depois desse processo, mostra um deslocamento de seu estado anterior para uma pessoa mais extrovertida e, desde então, começa a conhecer novas pessoas, passa a se interessar por garotas, experimentar bebidas, se apaixona e frequenta diferentes lugares com seus companheiros (BENNE, 2017).

O livro é dividido em quatro partes, explorando as experiências cotidianas de Charlie por meio de cartas que ele escreve e envia⁵ para um destinatário anônimo, a quem se refere como “querido amigo”. Com base em Paro (2021), temos a divisão da seguinte forma: Na primeira parte, apresenta seus gostos, personalidade, preocupações em relação a outros, sua família e seus primeiros relacionamentos de amizade na escola, principalmente com Patrick, Sam e seu professor Bill. Na segunda parte, Charlie começa a perceber que está apaixonado por sua amiga Sam, mas a mesma já está em um relacionamento com outra pessoa. Também é mostrado mais sobre sua família, especialmente à medida que o Natal se aproxima, assim como a primeira troca de presentes com seus amigos.

A terceira parte possui a presença de alguns relatos relacionados a lembranças do passado, mas também de quando Charlie percebe sua importância para sua família e amigos, além da conquista de sua carteira de motorista. Na quarta e última parte, o elemento mais notado é em vista do amadurecimento de Charlie nos relacionamentos voltados à família e aos amigos, além do personagem evidenciar alguns traumas pessoais para o leitor. O epílogo é apresentado como uma despedida, alguns meses após sua última carta.

Considerando a evolução de Charlie em suas relações pessoais e os temas abordados em cada parte da obra, pode-se relacionar essas experiências com a filosofia de Sartre sobre a relação eu-outro. Sartre (2015), destaca a relação eu-outro do eu como o “ser-em-si” e o outro “ser-para-o-outro”. Ele explica que essa relação é essencial para a constituição do ser humano como um ser consciente e livre. Pois, segundo Jacoby e Carlos (2005), o “eu” referencia as coisas, porque o olhar do “eu” estrutura tudo aquilo que já existe. Esse existente relaciona-se entre si porque a organização se faz a partir da visão de um sujeito.

O ser-para-o-outro, diferente do ser-para-si, destaca que a presença e a percepção dos outros desempenham um papel crucial na existência e na maneira como as pessoas se percebem. Com base em Sartre (2015), o outro é considerado o mediador fundamental entre o indivíduo e ele mesmo. O filósofo ainda explica que, com a própria presença do outro, o homem é habilitado a fazer um julgamento sobre ele mesmo, semelhante ao julgamento sobre um objeto, pois é como um objeto que se apresenta ao outro. Entretanto, esse objeto que se manifestou ao outro não é uma representação dentro da mente deste, e sim uma representação que, de fato, estaria completamente atribuída ao outro e não teria o poder de afetar-lhe.

⁵ O ato de “enviar”, na verdade, é quando Charlie leva as cartas a uma agência de Correios e coloca na caixa. Porém, ele envia a alguém que não se sabe quem é, pois ele não cita.

Ao relatar sua primeira festa, onde teve a primeira oportunidade de socializar com mais pessoas, Charlie menciona que Sam o apresentou como amigo dela e de Patrick e que foi bem recebido. Ele escreve: “Todo mundo foi simpático comigo e me fez um monte de perguntas sobre minha vida. Acho que era porque eu era o mais novo, e eles não queriam que eu ficasse deslocado...” (CHBOSKY, 2007, p. 44). Também narrou que ofereceram a ele um brownie “incomum”, indicando que o alimento foi adulterado. A amiga Sam não ficou satisfeita com essa situação, mas estava a cuidar de Charlie naquele momento.

Através desse evento, no qual Charlie interage com novas pessoas e é inserido em um pequeno grupo, Bettoni (2002) observa que:

...ao estar-no-mundo, o homem é automaticamente forçado, em sua práxis, a se relacionar com as coisas, com os outros, consigo mesmo e principalmente com as instituições. Esta é uma relação indissolúvel e que, segundo Sartre, se dá de forma dialética (BETTONI, 2002, p. 67).

Além disso, Sartre não se limita à análise individual, mas o considera como parte de uma coletividade que o influencia e é por ele influenciado. Isso reflete o engajamento intelectual de Sartre, que busca compreender o sujeito em seu contexto social e reconhece a interação mútua entre o indivíduo e a sociedade, como ressaltado por Junior *et al.* (2016).

Assim, Trindade (2013, p. 163) apresenta que: “Da mesma maneira que posso olhar o outro e defini-lo através de minha subjetividade, sei que o outro pode olhar-me e definir-me através de sua subjetividade”. Deste modo, o outro se torna um mediador entre mim e mim mesmo, sublinhando a importância das relações interpessoais e sua influência na formação da identidade individual.

Além disso, cabe destacar a renomada frase: “O essencial não é aquilo que se fez do homem, mas aquilo que ele fez do que fizeram dele” (SARTRE, 2002, p. 55). Esta afirmação traz a ideia central de que a construção da identidade de um indivíduo não reside apenas nas influências externas, mas também na maneira como ele interpreta e responde a elas.

Dessa maneira, através do método biográfico de Sartre, podemos compreender a história de um indivíduo ao examinar a subjetividade ligada às suas experiências nas relações familiares e sociais. Isso inclui a consideração do contexto cultural da época, já que é o que sustenta a noção de que o indivíduo se faz e é feito (SCHNEIDER, 2008). Schneider ainda menciona que:

Para compreender um homem é preciso ir além daquilo que ele fala ou reflete sobre si, é preciso descrever suas ações, sua práxis cotidiana, o contexto no qual está inserido. Portanto, não podemos nos limitar ao discurso ou à linguagem. É preciso destacar a especificidade da existência humana, ao tomar o homem concreto na sua realidade objetiva, material, social, sociológica. (SCHNEIDER, 2008, p.292)

Em algumas cartas, Charlie cita como é a relação de ambos quando estão presentes no ambiente, trazendo falas da irmã em relação a ele como: “- Eu odeio você!”, e na sequência “- Você é um anormal, sabia? Sempre foi anormal. Todo mundo diz isso. Sempre disseram” (CHBOSKY, 2007, p. 36). Meses mais tarde, Charlie encontra sua irmã no porão chorando. Na tentativa de ajudá-la, iniciou um diálogo perguntando o motivo de estar assim, mas ela acaba gritando com ele. Então, Charlie escreve em sua carta contando:

Eu não queria que ela se sentisse pior, então me virei para deixá-la sozinha. Foi quando minha irmã começou a me abraçar. Ela não disse nada. Só ficou abraçada comigo e eu não pude sair. Então eu a abracei também. Foi estranho porque eu nunca havia abraçado minha irmã. Não quando ela não era obrigada a fazer isso (CHBOSKY, 2007, p. 126).

Nisso, sua irmã compartilha com ele a notícia de sua gravidez e pede que guarde segredo, pois enfrenta um momento turbulento com o namorado negando a paternidade da criança e o relacionamento chegando ao fim. No entanto, ela também expressa seu desejo de não levar a gravidez adiante e esperava contar com a ajuda de Charlie.

Charlie poderia ter ignorado o pedido da irmã, visto que ela quase sempre não o tratava bem, fazendo com que Charlie se sentisse triste, mas preferiu ficar do lado da irmã e dar apoio nessa decisão tomada por ela. Ele foi capaz de fazer diferente com aquilo que fizeram dele. Depois ele ainda escreve: “E eu não podia deixar que isso acontecesse porque minha irmã estava contando comigo, e foi a primeira vez que alguém precisou de mim para alguma coisa” (CHBOSKY, 2007, p. 128).

CARTAS DE CHARLIE: O SER EM SITUAÇÃO DE FINITUDE DA VIDA

Michael, o único amigo de Charlie, se suicidou. Charlie chorou muito ao saber da notícia, precisando do irmão mais velho para o buscar na escola. No dia seguinte, um orientador educacional conversou com os alunos que eram próximos desse amigo, contando que o garoto

teria problemas em casa, podendo não ter com quem conversar. Charlie começa a gritar e chorar ao mesmo tempo com o orientador, dizendo que o amigo podia ter falado com ele. Então, novamente o irmão foi buscá-lo na escola. A partir disso, Charlie reflete se teria “problemas em casa”, mas observou que outras pessoas sofrem mais que ele (CHBOSKY, 2007). Na reflexão de Sartre (2015) existe a compreensão de que a morte encerra o projeto de ser, tendo em vista cessar o existir com relação ao mundo, e também impedindo de relacionar-se com as pessoas, as quais convivia anteriormente.

Em seu estudo sobre finitude, Heidegger (2005) apresenta reflexões a respeito do fim e ressalta a importância em refletir sobre a morte, sendo que colaborou para a compreensão de que é necessária a conscientização da finitude e vulnerabilidade para que o homem aprecie realmente a vida. Assim, não quer dizer que não exista dor, medo ou sofrimento na maior das certezas humanas, pelo contrário, morrer é uma experiência solitária e ninguém pode vivenciar pelo outro, é restrito somente à pessoa que passou pela perda.

Após a morte do amigo, Charlie vai ao jogo de futebol sozinho pela primeira vez, se descrevendo como um espectador, vendo quem namorava e quem estava de mãos dadas. Neste evento, ele se depara com Patrick e Sam, criando o primeiro vínculo de amizade. Os irmãos são três anos mais velhos. Patrick se declara homossexual e faz uma disciplina na escola com Charlie, já Sam é a garota por quem Charlie cria uma atração sexual no decorrer da obra (CHBOSKY, 2007). Sendo assim, o protagonista vive de diversas formas os conflitos do seu primeiro amor, os quais serão significativos nos processos de transformação do seu pensar, agir, e perceber a si mesmo com relação às pessoas do seu entorno.

O ser-em-situação, para Sartre (2015), revela que toda ação remete à totalidade do ser que projetamos ser, e o nosso corpo representa a totalidade das relações significantes com o mundo. Assim, para compreender o projeto de um homem ou o que é o mesmo, a totalidade de seu ser, faz-se necessário transcender da ação singular para a totalidade com a qual está articulada, que vem a ser o projeto de ser de cada ser humano. Neste sentido, verificamos que toda ação é significativa, pois encaminha a uma eleição mais ampla, que é a totalidade de ser, ou seja, a eleição original dos seus projetos de vida. “O corpo com efeito não poderia aparecer sem manter relações significantes com a totalidade do que é. Como a ação, a vida é transcendência-transcendida e significação” (SARTRE, 2015, p. 460).

Através de Sartre (2015) a expressão “em-si” designa tudo o que existe, com exceção da consciência humana, a qual é chamada de “para-si”, referindo-se a todas as coisas que existem como sendo resultados objetivos, chamados de “em-si”; por conseguinte, toda a representação não objetiva denominada por consciência do homem é a parte chamada de “para-

si”. Assim, o que se deve notar sobre a consciência é que está definida como dúvida, percepção, sede de algo. Tendo em vista a seguinte afirmação:

A consciência (de) ler não é consciência (de) ler esta carta, essa palavra, esta frase, nem mesmo esse parágrafo – mas consciência (de) ler esse livro, o que me remete a todas as páginas ainda não lidas, a todas as páginas já lidas, o que, por definição, arranca a consciência de si mesmo. Uma consciência que só fosse consciência do que é seria obrigada a soletrar letra por letra (SARTRE, 2015, p. 159).

Charlie, em uma de suas cartas, especificamente a do dia 28 de outubro de 1991, narra que: “Sam batucava com as mãos no volante. Patrick colocou o braço para fora do carro e fazia ondas no ar. E eu fiquei sentado entre os dois. Depois que a música terminou, eu disse uma coisa: - Eu me sinto infinito” (CHBOSKY, 2020, p. 51-52). Desta forma, Charlie, anonimamente, escreve desejando manifestar os fatos da sua vida e, também, os seus sentimentos a partir das suas vivências. Portanto, deixa transparecer em seus relatos, uma apreensão de liberdade que alguns adolescentes almejam em sua trajetória neste mundo.

De acordo com Sartre (2015) a liberdade é uma condição irremovível do homem, da qual não se pode, absolutamente, desviar-se. Em outras palavras, o ser humano está fadado à liberdade, e é a partir dessa inevitabilidade que ele forja sua existência diariamente. Não há qualquer elemento coercitivo que force o ser humano a agir de maneira específica. Também afirma com efeito “...observamos que até mesmo a tortura não nos despoja de nossa liberdade: é livremente que sucumbimos a ela” (SARTRE, 2015, p. 684).

Schneider (2011) comenta sobre a liberdade, a qual é fundamental na antropologia e também na psicologia sartriana. Essa “transcendência em direção a” esse “existir para além de minha essência” é o que Sartre denominou de liberdade: “O homem é livre porque não é si mesmo, mas presença a si. O ser que é o que é não poderia ser livre. A liberdade é precisamente o nada que está tendo sido no âmago do homem e obriga a realidade humana a fazer-se em vez de ser” (SARTRE, 2015, p. 578).

Assim, Schneider (2011) apresenta a possibilidade do homem sempre poder transcender sua situação concreta ao buscar um futuro melhor, tendo em vista um agir com esperança de uma vida diferente daquela que foi preestabelecida, seja em termos pessoais ou em termos sociais, na medida em que sonhe com novas perspectivas, e busque atitudes viabilizadas pela função do imaginário individual.

Para Sartre (2015), é impossível negar a escolha, pois fugir dessa alternativa já configura uma escolha, é nesse sentido que estamos constantemente condenados a sermos livres. Logo, faz a seguinte afirmação: “É impossível que eu não tenha um lugar, caso contrário eu estaria, em relação ao mundo, em estado de sobrevoo, e o mundo, como vimos anteriormente, não iria manifestar-se de forma alguma” (SARTRE, 2015, p. 640).

Diante da teoria existencialista, Sartre (2015) enseja a reflexão de que o mundo, mesmo com um alto nível de coeficientes de adversidades limitantes, jamais justificaria o agir do adolescente em afastar-se do seu mundo mágico, tendo em vista ser um caminho possível para lutar contra os bloqueios estigmatizantes criados no meio em que vive.

Siegel (2016) descreve a adolescência como um período que acontece aproximadamente dos doze até meados dos vinte anos e, em muitas culturas, a adolescência é denominada como uma época de grandes desafios. Apresenta que a formação dos grupos na adolescência é um fator imprescindível, sendo que estes objetivam um engajamento social. À vista disso, faz-se necessária a busca pelos semelhantes, bem como por identificações com as quais os adolescentes consigam o apoio para enfrentar as adversidades e os chamados estigmas, os quais angustiam dentro e fora dos ambientes onde residem. “A associação com nossos iguais durante essa época é vital para a nossa sobrevivência” (SIEGEL, 2016, p. 31). Diante disto, Charlie relata como conheceu seus principais amigos, especificamente no dia 06 de outubro de 1991: “– Eu sou o Charlie – falei, sem timidez demais. – E eu o Patrick. E esta é Sam.” (CHBOSKY, 2020, p. 35).

Lessa (2012) afirma que solidão e liberdade perpassam frequentemente os indivíduos nas clínicas psicológicas. Também alega ser de forma livre toda ação humana. Diante do fato de que cada ação ou inação é a expressão da vontade, reflete-se a maneira que cada pessoa experiencia suas vivências de ser-no-mundo. Ainda, salienta que a resposta para a solidão está atrelada à percepção de que se é sempre só no mundo, mesmo quando se está cercado por amigos. Conforme Schneider (2011), existe na sociedade uma ordem a qual é mantida por um determinismo, isto é, quando todos conhecem o seu papel e os papéis dos demais, por isto já é estabelecida uma norma para que não sobrevenham riscos de mudanças.

Perante o exposto, cabe pontuar que a existência também é revelada pelas conexões mágicas que nos inserimos em um mundo real, no qual o determinismo não seria mais presente nas escolhas realizadas pelos adolescentes dentro do seu contexto social. Afinal, diz: “Porém, na imaginação, nos inserimos em um mundo que não é governado pelo determinismo, mas, como vimos, dirigido por relações mágicas” (SCHNEIDER, 2011, p. 132).

Além disto, Schneider (2011), ainda destaca como a imaginação pode levar o indivíduo para caminhos diferentes, através da confiança em suas potencialidades. Portanto, em seu livro “Sartre e a psicologia clínica”, afirma o seguinte:

A possibilidade de o homem sempre poder transcender sua situação concreta em direção a um futuro diferente, de poder ter esperanças de uma nova vida, tanto em termos pessoais quanto em termos sociais, de sonhar com novas perspectivas, são atitudes viabilizadas pela função imaginária. (SCHNEIDER, 2011, p. 174).

Diante da existência de um mundo imaginário, Charlie expressa em uma de suas cartas: “E estávamos todos trocando nossos presentes finais. As luzes do lado de fora estavam acesas, estava nevando e o momento parecia mágico. Como se estivéssemos em outro lugar. Como se estivéssemos em um lugar melhor” (CHBOSKY, 2020, p. 91). Assim, Sartre (1994) também reflete sobre as emoções, trazendo a importância do mundo mágico, pois é desta maneira que os adolescentes descobrem novas portas para encontrarem outras possibilidades e construir um futuro condizente com as suas escolhas de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história de Charlie reflete inúmeras vivências do cotidiano de adolescentes e jovens no mundo. Nas situações em que o cotidiano se torna insalubre e angustiante, as cartas foram para Charlie seu meio de (sobre)viver, mantendo o possível para se relacionar. Os vínculos sociais aparecem e ele pode então desvelar-se para si e para os outros, dessa forma, explorando sua subjetividade, emoções, finitude e liberdade.

A filosofia existencial oferece a compreensão de conceitos inerentes à realidade humana, usufruindo desta para que Charlie fosse apresentado neste artigo. O vivido, o mágico, a transcendência, e tantos outros conceitos são questões que atravessam os determinismos impostos pelo mundo, fazendo-nos contraditórios e em busca de sentidos e significados para a vida.

A angústia desempenhou um papel significativo na filosofia de Sartre e também na vida de Charlie, representando a consciência da finitude, bem como a responsabilidade inerente às nossas escolhas. A relação intersubjetiva também foi abordada, mostrando como nossa identidade é moldada pelas interações com os outros.

A obra também nos permite refletir sobre as relações interpessoais e o papel do outro na construção da identidade individual. O filósofo Jean-Paul Sartre argumenta que somos moldados não apenas por nossas próprias escolhas, mas também pela forma como os outros nos veem e nos percebem. Isso é claramente refletido nas interações de Charlie com seus amigos e familiares, que desempenham um papel fundamental em sua jornada de autodescoberta.

Charlie, de maneira filosófica, encontrou em suas cartas, meios para interagir com o mundo, constituindo-se na sua história, biografando sua vida em todas as transições que aparecem. Por fim, a partir da construção teórica e reflexão dos relatos de Charlie, nota-se que a adolescência é um processo acompanhado por olhares de quem busca respaldo em suas ações. Logo, encontram na invisibilidade as possibilidades para suas experiências, as quais somente estavam sendo vividas anteriormente através das relações mágicas do seu mundo imaginário.

REFERÊNCIAS

BARROS, Wagner de. **Notas sobre o conceito de existência autêntica**. Marília, 2009.

BARROS, Wagner de. **Sobre a autenticidade na filosofia de Sartre**. Revista Argumentos, Ceará, ed., 2010. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/index.php/argumentos/article/view/18965/0>. Acesso: em 15 jul. 2023.

BENNE, Tatiana Caruso. **Análise dos personagens da obra "As vantagens de ser invisível"**. Letras em foco, São Paulo: Revista Pandora Brasil, ed. 89, dez. 2017. Disponível em: http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/letras_89/8.pdf. Acesso em: 28 ago. 2023.

BETTONI, Rogério A. **A FORMAÇÃO DOS GRUPOS SOCIAIS EM SARTRE**. Μετανόια: São João del-Rei, n. 4, jul. 2002. p. 67-75.

CHBOSKY, Stephen. **As vantagens de ser invisível**. 1ª ed. Tradução de Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

CHBOSKY, Stephen. **As vantagens de ser invisível**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

_____. **Esboço de uma teoria das emoções**. Rio de Janeiro, Zahar, 1994.

FREITAS, Sylvia Mara Pires de. **Psicologia existencialista de grupos e da mediação grupal: contribuições do pensamento de Sartre**. 1.ed. Curitiba: Appris, 2018.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. 14. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

JACOBY, Márcia; CARLOS, Sergio Antonio. **O eu e o outro em Jean Paul Sartre: pressupostos de uma antropologia filosófica na construção do ser social**. Latin-american journal of fundamental psychopathology on-line, v. 5, n. 1, p. 47-60, 2005.

JUNIOR, Cezar A. V.; ARDANS-BONIFACINO, Hector O.; ROSO, Adriane. A construção do sujeito na perspectiva de Jean-Paul Sartre. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, v. 16, n. 1, p.119-130, abr. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rs/v16n1/10.pdf>.

LESSA, Jadir Machado. **Solidão e liberdade**. Maranhão, 2012. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/fenomenolpsicol/article/view/1351/1066> Acesso em: 05 set. 2023.

_____. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução de Rita Correia Guedes. Edição Nagel, Paris, 1970.

PARO, Guilherme Henrique. **As vantagens de ser invisível: uma reflexão sobre indústria cultural e leitura literária como experiência**. Orientador: Zila Letícia Goulart Pereira Rego. 2021. TCC (Graduação) - Curso de Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa, Universidade Federal do Pampa, Bagé, 2021.

_____. **Reflexões sobre a questão judaica**. São Paulo: Européia do Livro, 1963.

_____. **Saint Genet: ator e mártir**. Trad. Lucy Magalhães. Vozes: Petrópolis, 2002.

SANTOS, Vinícius dos. **A questão da intersubjetividade em O Ser e o Nada**. 2010.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada: ensaio de uma ontologia fenomenológica**. 15ª ed. Tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

SCHNEIDER, Daniela Ribeiro. O método biográfico em Sartre: contribuições do existencialismo para a Psicologia. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, ago. 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S18082812008000200013&lng=pt&nrm=iso.

SCHNEIDER, Daniela Ribeiro. **Sartre e a psicologia clínica**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011.

SIEGEL, Daniel J. **Cérebro adolescente: o grande potencial, a coragem e a criatividade da mente dos 12 aos 24 anos**. São Paulo: nVersos, 2016.

SILVA, Aline Maria Vilas Bôas da. **A concepção de liberdade em Sartre**. Revista Filogênese, São Paulo: UNESP, Vol. 6, nº 1, ano 2013, Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/alinesilva.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2023.

TRINDADE, RAFAEL. **Sartre: a consciência de ser visto**. Alabastro: revista eletrônica dos alunos da Escola de Sociologia e Política de São Paulo, São Paulo, ano 1, v. 1, n. 2, 2013, p. 157-168. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/revistaalabastro/revista2-2013-vfinal>. Acesso em: 25 jun. 2023.